

CRER PARA COMPREENDER

O cetro de Judá

O rei que Roma fez, segundo Josefo e Mateus, e a promessa de Jacó lida pelos Pais, pelo Talmude e por Calvino

D. G. DE SOUZA

HAC-S02-007



Capítulo I

Entre Antônio e Otaviano

No fim do ano 40 a.C., um cortejo subiu ao Capitólio, em Roma. Na frente iam os cônsules e os outros magistrados. Atrás deles vinham os dois senhores do mundo romano, Marco Antônio e o jovem César Otaviano, e no meio dos dois caminhava um homem que pouco antes tinha chegado à Itália como fugitivo, sem reino e sem irmão. O cortejo ia oferecer sacrifícios e guardar no templo de Júpiter um decreto que o Senado acabara de votar. O homem do meio se chamava Herodes, e o decreto fazia dele rei dos judeus.[1]

Josefo, *Antiguidades judaicas* 14.388–389

λυθείσης δὲ τῆς βουλῆς μέσον ἔχοντες Ἡρῴδην Ἀντώνιος καὶ Καῖσαρ ἐξῆεσαν προαγόντων ἅμα ταῖς ἄλλαις ἀρχαῖς τῶν ὑπάτων θύσοντές τε καὶ τὸ δόγμα καταθησόμενοι εἰς τὸ Καπετώλιον. ἑστιᾷ δὲ τὴν πρώτην ἡμέραν τῆς βασιλείας Ἀντώνιος.

"Dissolvido o Senado, Antônio e César saíram tendo Herodes no meio, precedidos pelos cônsules e os demais magistrados, para sacrificar e depositar o decreto no Capitólio. E Antônio oferece o banquete do primeiro dia do reinado."

Josefo tem o cuidado de não dizer que Herodes sacrificou. Diz que os romanos iam sacrificar e que o novo rei subiu com eles. Mas a imagem fica: o título de "rei

dos judeus" saiu de uma votação em Roma e foi guardado na casa de um deus estrangeiro.

Como um fugitivo virou rei

Naquele ano, os partos, com quem Roma estava em guerra, tinham posto no trono de Jerusalém Antígono, filho de Aristóbulo II, o menino que Pompeu levara preso a Roma em 63 a.C. Antígono cortou as orelhas do tio, Hircano II, conta Josefo, "tramando para que o sumo sacerdócio não voltasse mais a ele por estar mutilado, pois a lei exige que a honra seja de homens íntegros". A lei é a de Levítico 21, que afastava do altar o sacerdote com defeito no corpo. Entre os últimos hasmoneus, o que estava em jogo era o sumo sacerdócio.[2]

Fasael, o irmão de Herodes, morreu preso, e Herodes chegou a Roma navegando em pleno inverno. Antônio tinha os seus motivos, diz Josefo: a lembrança da hospitalidade de Antípatro, pai de Herodes, o dinheiro que Herodes prometia se fosse feito rei e, "muito mais", o ódio a Antígono, que recebera o governo das mãos dos partos. No Senado, Antônio "ensinou-lhes que também para a guerra contra os partos convinha que Herodes reinasse. E, parecendo isso bem a todos, votam". O motivo declarado foi militar, e não religioso. Para Roma, o "rei dos judeus" era uma peça da guerra no Oriente.[3]

Em números

7 dias *foi o tempo que Herodes passou em Roma para sair de fugitivo a rei dos judeus, segundo Josefo*



Josefo chega a dizer que Herodes não esperava o reino, porque os romanos "costumam dá-lo aos da linhagem": pode ser propaganda da corte, mas deixa escapar que Herodes não era da linhagem. O senador Dião Cássio, mais seco, escreve que Antônio confiou o governo dos judeus "a um certo Herodes".[4]

A pergunta deste fascículo

Algumas décadas depois, "nos dias do rei Herodes", nasceu em Belém da Judeia um menino chamado Jesus (Mateus 2:1). Os cristãos dos séculos seguintes olharam para essa sequência, um rei feito por Roma e um menino nascido rei, com um versículo de Gênesis aberto diante dos olhos.

Não se afastará o cetro de Judá, nem o bastão de comando de entre os seus pés, até que venha Siló; e a ele, a obediência dos povos.

GÊNESIS 49:10

Como vimos no fascículo sobre Pompeu no Santo dos Santos, Eusébio de Cesareia e Agostinho viram em Herodes, "o primeiro rei estrangeiro" que os judeus receberam, o momento em que o cetro saiu de Judá, e foi no reinado dele que Cristo nasceu. Este fascículo volta a essa leitura com mais vagar e faz a pergunta honesta: o cetro de Judá saiu com Herodes, ou essa leitura força o texto? A resposta passa por Herodes e pelo rei que ele derrubou, pelo hebraico do verso, pelo debate entre cristãos e judeus e pelo que Mateus de fato cita.[5]

---

1. Josefo, *Antiguidades judaicas* 14.379–389; *Guerra judaica* 1.282–285, no grego da edição de B. Niese. Todas as traduções deste fascículo são do autor. Em português: *História dos Hebreus* (CPAD).
2. *Ant.* 14.366; Levítico 21:17–23. Na *Guerra* (1.270), Antígono mutila as orelhas do tio "com os dentes".
3. *Ant.* 14.379–387 (Herodes deixou as mulheres da família em Massada); *Guerra* 1.282–284.
4. *Ant.* 14.386–389 (os cônsules de 40 a.C.); Dião Cássio 49.22.6. Eusébio (*História eclesiástica* 1.6.7) chama Otaviano, anacronicamente, de "imperador Augusto".
5. Eusébio, *História eclesiástica* 1.6.1; Agostinho, *A Cidade de Deus* 18.45; fascículo *Pompeu no Santo dos Santos* (HAC-S01-001).

Capítulo II

A cidade tomada no mesmo dia

Herodes voltou de Roma com o título, mas sem a cidade. Só no terceiro ano depois do decreto ele conseguiu cercar Jerusalém, e escolheu o ponto mais fácil de atacar, diante do Templo, "como outrora Pompeu". No meio do cerco, foi a Samaria casar com Mariamne, neta dos dois últimos reis hasmoneus: o novo rei se casava com uma princesa hasmoneia enquanto sitiava o último rei hasmoneu. Sósio, o legado de Antônio,

chegou com as legiões, para que Herodes fosse rei "segundo o decreto do Senado".[1]

Dentro da cidade havia fome, "pois aconteceu ser então o ano sabático", o ano em que a Lei mandava deixar a terra descansar. E Josefo guarda um detalhe comovente. Os sitiados, "temendo que os romanos os impedissem de oferecer a Deus os sacrifícios diários", pediram que se deixasse entrar ao menos os animais para o altar. Com fome e cercados, eles ainda queriam o altar funcionando.[2]

Depois de meses de cerco, a cidade caiu, e veio o massacre: "não havia piedade nem das crianças nem da velhice, nem se poupava a fraqueza das mulheres." Antígono desceu da fortaleza e se jogou aos pés de Sósio. O romano riu dele e o chamou de "Antígona", nome de mulher, e mandou acorrentar o último rei hasmoneu.[3]



Bronze de Herodes com o tripé e a bacia ritual, a legenda grega "do rei Herodes" e a data "ano 3": se a conta começa no decreto do Senado, cai no ano do cerco, provavelmente 38/37 a.C., mas a contagem é discutida. Tudo em grego, sem hebraico. Bibliothèque nationale de France (domínio público).

Moeda de Herodes, o Grande, "ano 3", Bibliothèque nationale de France, Monnaies, médailles et antiques (domínio público)

A espada diante do santuário

Josefo conta então uma cena com evidente admiração.

Josefo, *Antiguidades judaicas* 14.482–483

ὥρμητο γὰρ τὸ ξενικὸν πλῆθος ἐπὶ θέᾳ τοῦ τε ἱεροῦ καὶ τῶν κατὰ τὸν ναὸν ἁγίων. ὁ δὲ βασιλεὺς τοὺς μὲν παρακαλῶν τοὺς δ᾽ ἀπειλῶν ἔστιν δ᾽ οὓς καὶ τοῖς ὅπλοις ἀνέστελλεν, ἥττης χαλεπωτέραν ἡγούμενος τὴν νίκην, εἴ τι τῶν ἀθεάτων παρ᾽ αὐτῶν ὀφθείη.

"Pois a multidão estrangeira se lançava a ver o Templo e as coisas santas do santuário. O rei, a uns exortando, a outros ameaçando, a alguns contendo até com as armas, julgava a vitória pior que a derrota se alguma das coisas que não se podem ver fosse vista por eles."

Para impedir o saque, Herodes pagou os soldados do próprio bolso, para não ser "rei de um deserto". Josefo pode estar idealizando Herodes, mas, segundo ele, o homem que o rival chamava de meio-judeu usou a espada para que nenhum estrangeiro visse o que não se podia ver. É o avesso exato de 63 a.C., quando, como vimos no fascículo sobre Pompeu no Santo dos Santos, um general romano entrou onde só o sumo sacerdote entrava.[4]

Josefo viu na data outro eco de Pompeu: a cidade foi tomada "no mesmo dia" que da outra vez, "vinte e sete anos depois". Dião Cássio diz que, em 37 como em 63, a cidade caiu num sábado; talvez o "mesmo dia" seja o mesmo tipo de dia, e não a mesma data, mas é hipótese, e o debate já está no fascículo sobre Pompeu.[5]

Em números

26 anos *separam a tomada de Jerusalém por Pompeu (63 a.C.) e a tomada por Herodes (37 a.C.); Josefo, que conta os dois anos das pontas, diz 27*

O machado em Antioquia

Antígono ainda era perigoso. Herodes temeu, diz Josefo, que ele defendesse a sua causa no Senado, "mostrando que ele era de reis e Herodes um particular", e convenceu Antônio, "com muito dinheiro", a matar o prisioneiro. Antígono foi decapitado em Antioquia, e Josefo copia o comentário do geógrafo grego Estrabão.



"Pareceu ser ele o primeiro dos romanos a decapitar um rei, por não pensar que de outro modo mudaria a disposição dos judeus para aceitarem Herodes; pois nem sob tortura suportaram proclamá-lo rei, tão alto pensavam do rei anterior."

Estrabão, em Josefo, *Antiguidades judaicas* 15.9–10

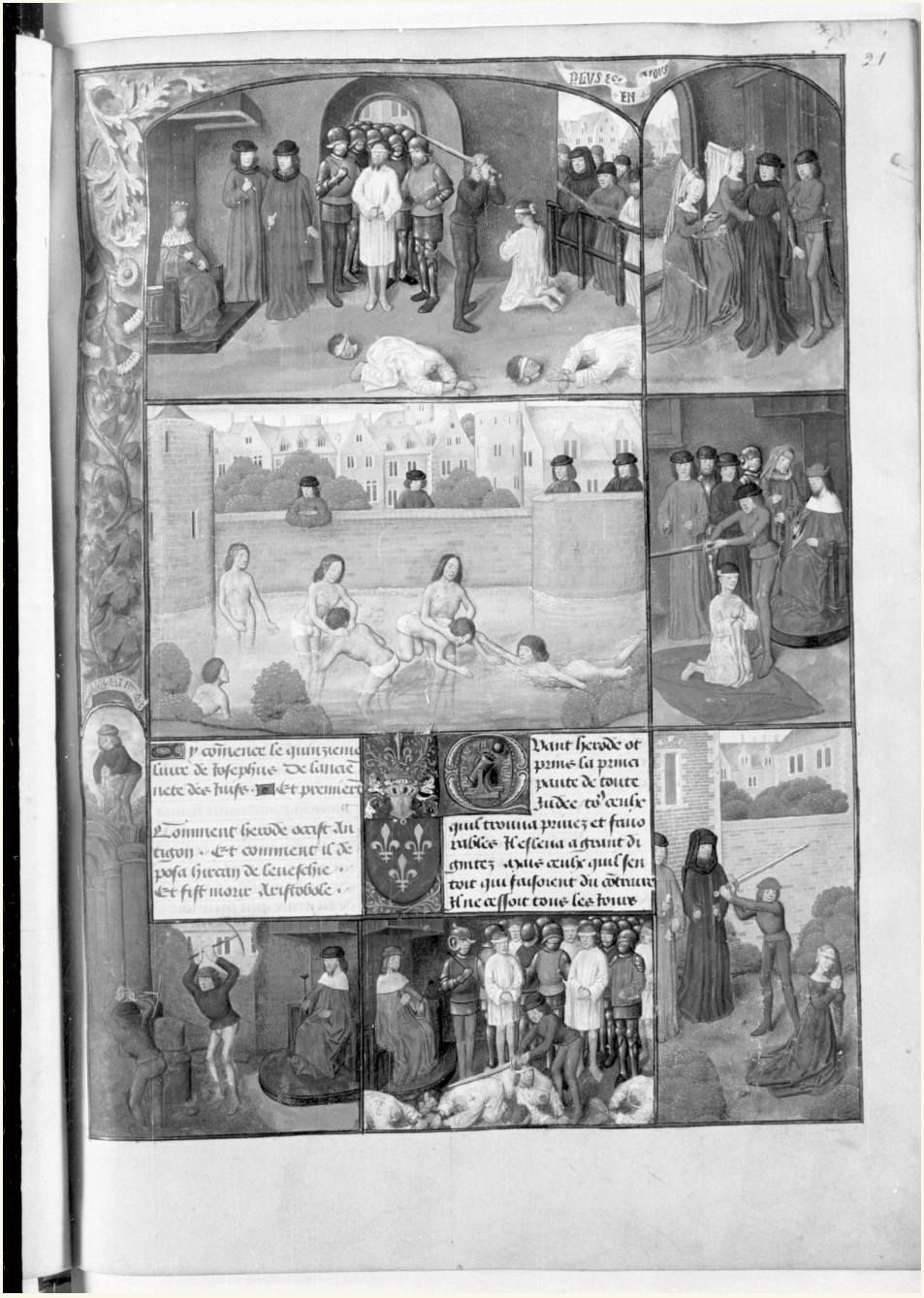
Josefo fecha a história da dinastia com um epitáfio. Era, diz ele, "uma casa ilustre e insigne, pela linhagem, pela honra sacerdotal e pelo que os seus antepassados fizeram em favor da nação".

Josefo, *Antiguidades judaicas* 14.491

ἀλλ' οὗτοι μὲν διὰ τὴν πρὸς ἀλλήλους στάσιν τὴν ἀρχὴν ἀπέβαλον, μετέβη δ' εἰς Ἡρῴδην τὸν Ἀντιπάτρου οἰκίας ὄντα δημοτικῆς καὶ γένους ἰδιωτικοῦ καὶ ὑπακούοντος τοῖς βασιλεῦσιν.

"Mas estes perderam o governo pela discórdia entre si, e ele passou para Herodes, filho de Antípatro, que era de casa plebeia e de linhagem particular, e súdita dos reis."

"Perderam o governo pela discórdia entre si" é a tese do fascículo *Dos Macabeus a Pompeu*, e aqui basta lembrar. O que terminou em 37 foi o governo hasmoneu, e não a família, que Herodes eliminaria nos anos seguintes. O sumo sacerdócio também mudou de mãos: Herodes, diz Josefo, "já não nomeia sumos sacerdotes da família de Asamoneu, mas dava a honra a uns obscuros". Os sumos sacerdotes passaram a ser homens do rei.[6]



Abertura do livro XV das Antiguidades judaicas num manuscrito francês iluminado pelo Mestre do Boécio flamengo (c. 1480–1483). A rubrica anuncia como Herodes matou Antígono,

depôs Hircano do sumo sacerdócio e fez morrer Aristóbulo; no centro, o afogamento de Aristóbulo III na piscina de Jericó. Bibliothèque nationale de France, ms. Français 14, fol. 21, em digitalização de microfilme (domínio público).

Mestre do Boécio flamengo, c. 1480–1483, Antiquités judaïques, Livros XV–XVIII, Bibliothèque nationale de France, ms. Français 14, fol. 21 (domínio público)

---

1. *Ant.* 14.465–469. O irmão de Mariamne, Aristóbulo III, era "neto de Aristóbulo pelo pai e de Hircano pela mãe" (14.387).
2. *Ant.* 14.475–477 e 15.7.
3. *Ant.* 14.476–481; *Guerra* 1.351–353, que dá cinco meses de cerco.
4. *Ant.* 14.482–486; *Guerra* 1.354–355. A fonte provável de Josefo aqui é Nicolau de Damasco, o historiador da corte.
5. *Ant.* 14.66 e 14.487–488 (o cônsul "Canídio" Galo era Lúcio Canínio Galo); Dião Cássio 37.16 e 49.22.4. Houve quem defendesse 36 a.C. (Filmer, 1966).
6. *Ant.* 14.489–491, 15.8–10, 15.22 e 20.247–248; Plutarco, *Antônio* 36.2; Dião Cássio 49.22.6. Josefo dá ao governo hasmoneu 126 anos, sem dizer de onde conta.

Capítulo III

Idumeu, isto é, meio-judeu

O medo que Herodes tinha de Antígono em 37 tinha nome: "linhagem" contra "particular". E o argumento não era novo. Dois anos antes, sob as mesmas muralhas, Antígono já o tinha gritado.

Foi provavelmente em 39 a.C., na primeira investida de Herodes contra Jerusalém depois de voltar de Roma. Um arauto anunciou, ao redor da muralha, que Herodes vinha "para o bem do povo e a salvação da cidade" e oferecia anistia até aos mais hostis. Antígono respondeu, e respondeu aos romanos.[1]

Josefo, *Antiguidades judaicas* 14.403

τοῦ δὲ Ἀντιγόνου πρὸς τὰ ὑπὸ τοῦ Ἡρώδου κηρυχθέντα λέγοντος πρός τε Σίλωνα καὶ τὸ τῶν Ῥωμαίων στράτευμα, ὡς παρὰ τὴν αὐτῶν δικαιοσύνην Ἡρώδῃ δώσουσιν τὴν βασιλείαν ἰδιώτῃ τε ὄντι καὶ Ἰδουμαίῳ, τουτέστιν ἡμιουδαίῳ, δέον τοῖς ἐκ τοῦ γένους οὖσι παρέχειν ὡς ἔθος ἐστὶν αὐτοῖς

"Antígono, diante do que Herodes mandara proclamar, dizia a Silão e ao exército dos romanos que, contra a própria justiça deles, iam dar o reino a Herodes, que era um particular e um idumeu, isto é, um meio-judeu, quando deviam entregá-lo aos que eram da linhagem, como é costume entre eles."

A frase seguinte quase nunca é citada, e é ela que explica a primeira. Antígono continuou dizendo que "havia muitos da sua linhagem que receberiam o reino segundo a lei, os quais, sem terem errado em nada contra os romanos e sendo sacerdotes, não mereceriam ser privados da honra". O argumento é jurídico, dirigido a Roma, e a linhagem que ele invoca é sacerdotal.[2]

De quem é a voz

Essa frase é fácil de usar mal. Ela está em discurso indireto: quem fala é Antígono, um rival em guerra, a quem o trono estava sendo tirado. Talvez o "isto é" seja uma explicação de Josefo para leitores gregos que não sabiam o que era um idumeu; mesmo assim, ele estaria explicando o insulto, e não adotando o insulto. A palavra grega, *hēmiioudaîos*, "meio-judeu", tem no grande dicionário grego de Liddell, Scott e Jones uma única referência, esta passagem. E ela só existe nas *Antiguidades*, escritas por volta de 93 ou 94 d.C., mais de cento e trinta anos depois da cena; na *Guerra judaica*, que conta o mesmo arauto quase vinte anos antes, não há discurso nem insulto.[3]

A voz do próprio Josefo é outra. Quando conta a morte de Antípatro, o pai de Herodes, envenenado em 43 a.C., ele escreve:



"E Antípatro, que se distinguiu pela piedade, pela justiça e pelo zelo pela pátria, morreu dessa maneira."

Josefo, *Antiguidades judaicas* 14.283

Na voz do narrador, o idumeu é piedoso e justo, e a Judeia é a pátria dele. No epitáfio dos hasmoneus, a objeção de Josefo a Herodes é de classe e de posição, "de casa plebeia e de linhagem particular", e não de sangue. Josefo nunca chama Herodes de meio-judeu. Quem chama é o inimigo, e quem hoje repete a palavra como rótulo está falando com a voz do inimigo.

Já ouvimos essa frase no fascículo sobre a pedra do Templo que proibia a entrada de estrangeiros. Aqui ela volta com outra pergunta: de quem era o cetro que Antígono defendia?[4]

Um levita e um idumeu

A resposta está nas palavras que quase ninguém cita: "sendo sacerdotes". Os hasmoneus eram sacerdotes da família de Joiarib, da tribo de Levi, e nunca disseram descender de Davi; como vimos no fascículo *Dos Macabeus a Pompeu*, foi exatamente isso que os judeus piedosos lhes cobraram. As orelhas mutiladas de Hircano mostram a mesma coisa: entre os últimos hasmoneus, a briga era pelo altar.

Em 40 a.C., portanto, o título de "rei dos judeus" foi disputado entre um levita e um idumeu. Nenhum dos dois segurava o cetro "de Judá" no sentido da tribo. É o ponto histórico que sustenta, quinze séculos depois, a objeção de Calvino aos cristãos que punham em Herodes o fim do cetro.[5]

As moedas de Antígono

Antígono cunhou moedas em duas línguas: de um lado, em hebraico, "Matatias, o sumo sacerdote, e o conselho dos judeus"; do outro, em grego, "do rei Antígono". Matatias era o nome hebraico dele, o mesmo do pai dos Macabeus. Numa moeda raríssima aparece o candelabro de sete braços, segundo os catálogos o único numa moeda judaica antiga. Em hebraico, Antígono era sumo sacerdote; em grego, rei. Nenhuma moeda fala de Davi ou de Judá.



Prutá de bronze de Matatias Antígono (40–37 a.C.), o último rei hasmoneu, com o candelabro de sete braços; a legenda grega, "do rei Antígono", está quase apagada nesta peça, e o outro lado traz a mesa dos pães e o nome hebraico do sumo sacerdote. Bibliothèque nationale de France (domínio público).

Prutá de Matatias Antígono, 40–37 a.C., Bibliothèque nationale de France, Monnaies, médailles et antiques (domínio público)

---

1. *Ant.* 14.401–402.
2. *Ant.* 14.403–404.
3. Liddell–Scott–Jones, ἡμιϊουδαῖος ("J. AJ 14.15.2", numeração antiga); textos fora do dicionário não foram verificados. *Guerra* 1.295–296.

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S02-007

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *O cetro de Judá*. O fascículo inteiro tem 56 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender